

# GAZET ANOS



07

08

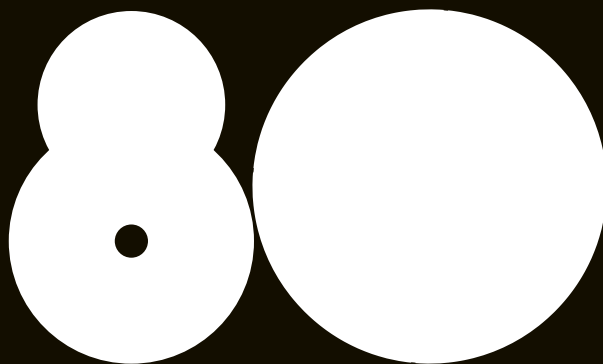
JUL

FIM DE  
SEMANA

**Correio\***

ANO XLI  
Nº14387  
HOJE  
R\$ 2,00





# CAET ANOS



**T**em som no microfone? Por enquanto, sim, e é importante que tenha agora porque é hora de celebrar a memória de um dos maiores gênios da música brasileira, que emulou tal fama em transas astrais e telúricas que ajudaram a moldar a cultura e identidade nacionais. Caetano Veloso faz 80 anos, e nesses 80 Caetanos a única obrigação é celebrar sua potência e seu legado. Cumprin-

do o protocolo, o CORREIO abre essa homenagem com uma ilustração do artista visual Davi Caramelo, que pôs para brilhar uma imagem inspirada num dos clássicos do santamarense. "Pensei em uma forma de unir dois grandes eventos numa só imagem, como uma fotografia que capturasse o alinhamento de planetas, sem ocultar quaisquer partes de ambos. O discobjeto 'Transa' é para mim uma obra total, que perpassa o tratamento gráfico da capa, arranjos, com-

posições e inúmeras referências e citações que seguem atuais e reverberam; são temas que ainda discutimos 50 anos depois", explica o artista visual, que também é ilustrador e designer, formado em Publicidade e Propaganda e graduando em Arquitetura pela UFBA. Ele explica como desenvolveu a imagem, lançando mão de elementos que o próprio 'Transa', álbum de 1972, oferece. "O design é disruptivo, tão inovador e minimalista que esqueceu dos créditos dos músicos. (...)

Assim como as canções do disco, quis fazer essa 'brincadeira' de referências: uso a mesma letra da capa do álbum original, em verdade um redesenho da tipografia Spatz, do catálogo paulista Tipograph Fotoletras. Trago a silhueta de Caetano, em um retrato atual, minimalista e esperançoso. Ele propositalmente olhando para o passado, como quem celebra um legado em construção, do qual sabe o valor como parte integrante da história e identidade nacional", comple-

menta Caramelo, que também desenvolve projetos dentro da publicidade, ilustração e design. A seguir, confira uma seleção especial de imagens de Caetano já publicadas no CORREIO. A colunista Flavia Azevedo conta como o disco 'Transa' acompanhou momentos importantes da sua vida. E o colunista Osmar Marrom Martins relembra o 'meio do caminho', remontando a festa de 40 anos de Caetano, à qual compareceu. **TEXTO JOÃO GABRIEL GALDEA ILUSTRAÇÃO DAVI CAMELO**



## ENTRE/ OPINIÃO

POR FLAVIA AZEVEDO



PRA SER SINCERA, SE EU FOSSE UM DISCO, ERA BEM ISSO QUE EU QUERIA SER: EXATAMENTE UM TRANSA. E CAETANO É FODA

[/correio24horas.com.br/soseve](https://correio24horas.com.br/soseve) | WhatsApp71993861490



## Exatamente um Transa

Era um apezinho miudinho no Rio. Humaitá. Perto da Cobal, da Lagoa e de todos os novos desejos daqueles meus 28 anos. "Retorno de Saturno", diziam. Eu tinha feito um trabalho grande na Bahia e ganhei uma quantidade de dinheiro jamais vista em minha conta. Há meses, eu pensava em Rio de Janeiro quase todo santo dia. Tanto que, uma vez, num ponto de ônibus, em Itapua, um homem desconhecido passou por mim e disse: "você vai pro Rio de Janeiro". Devia saber ler pensamento, o sacaninha, que nunca mais vi pra dizer a ele que fui mesmo. Pois, quando olhei pro dinheiro, aluguei esse apartamento por telefone (adiantando três meses de pagamento) e fui de mudança, embarcada na viagem que mudou minha vida toda. Por causa dela, inclusive, é que tenho a felicidade de ser mãe do meu filho.

Nessa época, Transa, o disco de Caetano que agora faz 50 anos, tinha 30. Ele nasceu em 1972, dois anos antes de mim, mas não sei por qual motivo, eu nunca tinha escutado certinho, na sequência, do início ao fim. No Manoel & Joaquim de Copacabana, fiz um amigo e ele foi morar comigo, por pouco tempo, no apartamento miudinho. Renato. Entre os incríveis, engraçados e amorosos momentos que vivemos juntos, vem ele me dar esse CD de presente. Rapidamente, essa passou a ser trilha sonora de muitos dos nossos papos e de algumas fa-

xinas. Ali, vendo o Redentor pela janela, eu redesenhava a minha vida, enquanto escutava uma sequência de músicas das quais é impossível se cansar. Mesmo que você queira muito. Tem algum negócio estranho lá.

(Você não me conhece mesmo)

Tanto que, dez anos depois, na varanda do apartamento da Barra, de volta a Salvador, recém-separada, saindo de uma depressão pós-parto, quando eu voltei a cantar (pra mim), era o Transa. Alguém deve ter me xingado, em algum prédio vizinho, mas cantar You don't know me, bem alto, em looping (para o que acho que ela foi feita porque o fim encaixa no começo), era uma coisa que me refazia. Um delicioso exercício de fisioterapia para a minha alma que se fortalecia, aos pouquinhos. Conforme eu dizia aquelas palavras em inglês e em português, a minha voz ia ficando mais forte, saindo

**O DISCO DE CAETANO, TRANSA, NASCEU EM 1972, DOIS ANOS ANTES DE MIM, MAS NÃO SEI POR QUAL MOTIVO, NESTA ÉPOCA, NUNCA TINHA ESCUTADO CERTINHO, NA SEQUÊNCIA, DO INÍCIO AO FIM**

mais de dentro, a ponto de eu voltar a achar bonita, até. Você não me conhece mesmo, era o que eu estava falando. "Dextá". "Tô voltando". (I'm alive viva muito viva)

Há quem goste do CD todo, sempre. Eu, nem todo dia. Tem isso também. Mas a segunda faixa tem um efeito rebite que eu adorava nos desjejuns tardios, acompanhando aquele pão com um pedaço indecente de queijo coalho e vitamina de frutas que eu pedia no Sanduka. Principalmente, nas piores ressacas. A música garantindo que eu estava viva, porém nem eu acreditava. A comida ajudando a lembrar do que tinha acontecido na véspera, entre os finados Fosfobox e Dama de Ferro. Vários arreplos e muitos "né possívill!" ditos só pra mim. Depois, um banho e "walk down Portobello road to the sound of reggae" ou algo assim que é o que se chama, hoje, de cropped e diz que a pessoa usa para reagir.

(Triste Recôncavo, oh quão dessemelhante)

"Pule essa música aí falando mal de minha terra", eu brincava assim ao escutar os primeiros acordes. Renato dizia "ô, Nega, deixa, isso é lindo" e não adiantava nada. Quando eu estava sozinha, não deixava nem começar. Era uma saudade tão fodida que me dava, mesmo podendo ir e voltar quando quisesse. Uma dorzinha de ter decidido correr o risco de perder um tico que fosse do meu sotaque do Recôncavo, de onde ele – Caetano – e eu somos. Eu, nascida em Salvador, mas criada aqui. Até o vapor de Cachoeira, que eu nunca vi navegar, por lembrar que não navega mais, me doía. Hoje, é gostoso ouvir, de volta, do lado de muita bandeira branca enfiada em pau forte.

(Não somos tão fortes, senhor)

Outro dia, um amigo me mandou um mantra, dizendo ele que ia fazer bem pra minha casa. Podia até ser, mas antes disso, me deprimiria. Gosto não de coisa repetida em indianês, eu sem saber o que significa. Ele registrou que eu não gosto de mantra, só que a pura verdade é que adoro. Mas dos meus. Essa música, por exemplo, pra mim, só tem duas frases: "we're not that strong, my Lord" – que serve pra trazer o lugar de humildade – e "It's a long way" que é pra gente se aquietar e Caetano ficar brincando com a língua no "long" conduzindo a meditação. O resto também é bonito, mas a onda forte é essa aí. Vá por mim.

(Mora na filosofia)

Em Salvador, varanda do finado teatro Maria Bethânia, havia um bar incrível chamado Intermezzo. Toda vez que escuto essa música, me lembro de um namorado que, numa noite nesse bar, cantou isso pra mim me fazendo conhecer a estrofe "se seu corpo ficasse marcado por lábios ou mãos carinhosas, eu saberia, ora, vai mulher, a quantos você pertencia". Que eu achei entre belíssima e profundamente escrota. Nunca consegui construir outra memória relacionada, portanto. Toda vez penso a mesma coisa. Nem sei falar dela. Pulemos, pois.

Neolithic Man e Nostalgia se misturam, pra mim, de alguma maneira. O que pode ser uma grande ignorância de minha parte. Aí, ainda que eu ache tão besta esse tal "e tudo bem", é o caso de usá-lo. Eu não estudo música, não critico música. Eu sei que esse é um disco cheio de especificidades técnicas e históricas, tá tudo aí escrito e reescrito, estudadíssimo, cada acorde e intenção, detalhadamente. Não é essa a minha função. Eu só quero dizer que o Transa é um amigo velho, um bróder, meu e de muitas pessoas. Daqueles que sabem coisa pra cacete da gente, que vão junto, que completam as frases que começamos. Do tipo que estava lá quando coisas importantes aconteceram, que aparecem nas fotos antigas, que estão ali. Pra mim, é desse jeito e, pra ser sincera, se eu fosse um disco, era bem isso que eu queria ser: exatamente um Transa. E Caetano é foda (pra não perder o costume). Desde sempre e toda vez.

FLAVIA AZEVEDO É ARTICULISTA DO CORREIO, EDITORA E MÃE DE LEO



## ENTRE/80 ANOS

[www.correio24horas.com.br](http://www.correio24horas.com.br)



**Flavia Azevedo**  
texto  
7199386-1490



**Sora Maia**  
curadoria de fotos  
sora.maia@  
redabahia.com.br

# CAETANO PASSOU POR AQUI

**Fazendo show**, lançando disco, batizando filho, no samba de roda, em Santo Amaro, no Carnaval, na praia. Nós, do Correio, acompanhamos até quando ele “estacionou o carro no Leblon”, lembra disso? Caetano, né? Quando tem ele envolvido, até não-notícia vira notícia pelo fato de ter sido notícia quando não era. É sempre assim. Ou não. Domingo tem show, já sabe? Em família. Comemorativo dos 80 anos. Às 20h30, ao vivo, na Globoplay.



LUCIANO DA MATTA/ARQUIVO CORREIO\*

“Uma hipotenusa final” foi o que Gilberto Gil disse sobre o encontro que resultou no show Quebra-Cabeça. O espetáculo agitou a Concha Acústica do TCA, no começo de 1979. Agitar é mesmo o verbo para um palco que reuniu Caetano, Arembepe, Pepeu, Baby, Moraes Moreira, Luiz Melodia, Bendegó e o próprio Gil



SÔNIA/ARQUIVO CORREIO\*

Nosso “Gabeira de Tanga” é “Caetano de Sunga na Espreguiçadeira”. Receba o registro do Verão de 1980



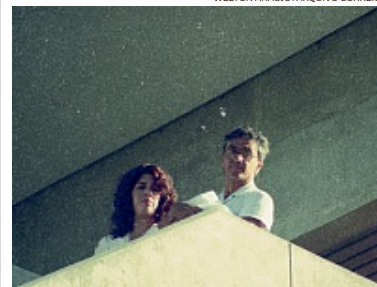
EDSON RUIZ/ARQUIVO CORREIO\*

Muita gente já teve a sorte de encontrar Caetano no Carnaval e não é só depois do Cortejo Afro, não. É das antigas, desde quando ele ficava ali, de boqueira, no chão da praça. A foto é de 1995, antes da combucha, com uma lata de Pepsi na mão.



MARGARIDA NEIDE/ARQUIVO CORREIO\*

Ele tem um denço com cinema, então, entre diversos trabalhos na área, compôs a música tema de Janete, filme de Chico Botelho lançado em 1983. Na foto, tá trocando ideia com Arrigo Barnabé que é quem assina a trilha.



WELTON ARAUJO/ARQUIVO CORREIO\*

Tom, o filho mais novo, com Paula Lavigne, nasceu no Hospital Aliança, em Salvador, em 1997. Ou seja, ali na sacada, Caetano tinha acabado de virar pai de três



MÁRCIO COSTA E SILVA/ARQUIVO CORREIO\*



Não é só pra conversar na cadeirinha que ele vai ao Porto da Barra. Nesse dia mesmo – acompanhado por Paquito e Paulo César – foi pra participar do projeto Lixo Zero Porto é Dez, em 1999. Ou seja, há 23 anos, eles já estavam tentando deixar o Porto mais limpo

CÉLIA AGUIAR/ARQUIVO CORREIO\*



O amor com D. Canô a gente sempre achou lindo. Olha ela, com ele, no palco do Troféu Caymmi, em 1991

ROGERIO FERRARI/ARQUIVO CORREIO\*



Zeca, o filho mais velho da segunda leva (você sabe que, antes, tem Moreno, com Dedé) foi batizado em Santo Amaro, nos fundamentos do Recôncavo, em 1993

HAROLDO ABRANTES/ARQUIVO CORREIO\*



Nesse show, na Concha Acústica, ele ficou sabendo da morte de Jorge Amado. Foi em 6 de agosto de 2001, 21 anos neste sábado. Consternado, Caetano cantou Tieta, numa belíssima homenagem

PAULO SOUZA/ARQUIVO CORREIO\*



Muita gente quer ser "paixão de Caetano" a cada verão na Bahia. Porém, não é tanta gente assim que consegue. Há critérios, não é bagunça. Teve um verão que a sorte foi de Xanddy. A foto é de 2001

ALESSANDRO MACEDO/ARQUIVO CORREIO\*



Caetano se casou com Dedé, teve um filho (Moreno) com Dedé, separou de Dedé e não causou problemas para Dedé, tanto que ficaram amigos para toda a vida. Vamos aprender com Caetano. Foto de 2003

WELTON ARAUJO/ARQUIVO CORREIO\*



Todos sabem que ele mete o samba de roda internacionalmente famoso mais charmoso do mundo e da Bahia também. Na foto, evoluindo no extinto Percpan, em 1997

RAFAEL MARTINS/ARQUIVO CORREIO\*



A verdade é que tem muita gente de sorte no mundo, entre elas, as pessoas que cumprimentam Caetano, naturalmente, com selinhos, numa igreja, em Santo Amaro. Tipo Regina Casé, amiga há décadas. A foto foi em setembro de 2012, na comemoração do aniversário de D. Canô



# ENTRE/BAÚ DO MARROM

[www.correio24horas.com.br](http://www.correio24horas.com.br)



**Osmar Marrom  
Martins**  
texto  
@marromtv (Insta)

ACERVO PESSOAL

**N**este dia 07 de agosto de 2022, Caetano Veloso chega aos 80 anos em plena forma, compondo, cantando e sempre com suas opiniões firmes e fortes. Foi sempre assim. Ao longo desse tempo sempre estive acompanhando seu trabalho ou me encontrando com ele em diversos eventos. Como nesse, registrado na foto quando ele comemorou seus 40 anos com uma grande festa no Rio de Janeiro com a presença de ilustres convidados: o cineasta Bruno Barreto (Dona Flor e seus Dois Maridos), o produtor baiano Paulinho Lima, que produziu com Waly Salomão o icônico show Gal Fa-Tal e Cazuzza começando a carreira. E lá estava eu, também começando a carreira de repórter.

Quem me convidou para a festa foi Paulinho Lima, atualmente morando em Boipeba, depois de viver por mais de cinquenta anos no Rio de Janeiro. Paulinho, ao lado de Roberto Santana e do saudoso Mário Almeida, tinha um escritório de agenciamento de artistas como Angela Ro Ro, Marina Lima, Lulu Santos, Ritchie, Léo Jaime entre outros. Além disso, Paulinho foi o produtor ao lado de Roberto Santana, em Salvador, do show Barra 69, que marcou a despedida de Caetano Veloso e Gilberto Gil de Salvador e do Brasil rumo ao exílio em Londres, onde ficaram por dois anos.

Animado com o convite, fui para o Rio de Janeiro e fiquei hospedado na casa de Paulinho, no Tambá. Reduto de moradores famosos como artistas, produtores, jornalistas, entre outros. Até que fomos ao aniversário de Caetano Veloso, que completava 40 anos, e ia receber os amigos em sua casa. E foi uma festona. Muita gente circulando, todos alegres cumprimentando o anfitrião e eu ali um jovem iniciante deslumbrado com tudo que via.

Final para um repórter, ilustre desconhecido na noite feérica do Rio, encontrar nomes como Bruno Barreto, cineasta campeão de bilheteria, e o exagerado Cazuzza, era tudo muito novo para mim. Soube, anos depois, que foi nessa mesma noite que Caetano conheceu sua futura mulher Paula Lavigne, mãe de seus dois filhos Zeca e Tom. O outro mais velho, Moreno, é com Dedé Veloso, irmã de Sandra Gadelha, Drão, ex-mulher de Gil e mãe de Preta, Maria e do saudoso Pedro.

Desde então, eu sempre encontrava Caetano nas temporadas de Verão em Salvador. Ou no TCA, quando estreava um novo show sempre com casa cheia e muita badalção, na Concha Acústica, ou na praia do Porto da Barra, onde ele sempre foi presença

**Minha homenagem em forma de camiseta feita pela estilista Tânia Regina**



## Um aniversário com Caetano Veloso

**A festa de 40 anos do artista reuniu amigos no Rio de Janeiro. Eu estava lá**



**Caetano, ao lado de Bruno Barreto, Paulinho Lima, Cazuzza e eu, na festa dos 40 anos, no Rio de Janeiro**

constante, sempre cercado por amigos como a atriz Regina Casé, a cantora Gal Costa e outros.

No Carnaval, ainda cheguei a ver Caetano e sua trupe animadíssima na Praça Castro Alves, onde acontecia o encontro dos trios elétricos e o desfile gay nas escadarias de onde até então funcionava a Federação Baiana de Futebol. Era um Carnaval diferente, antes da explosão da cena axé, sem famosos blocos. Tudo acontecia na praça do poeta, onde era possível se bater com atores e atrizes, cantores famosos e anônimos em busca de uma projeção. Mas tudo no maior clima paz e amor.

E, antes mesmo das festas de Réveillon se transformarem em grandes espetáculos para multidões, quando era uma coisa mais reservada entre amigos, Caetano costumava realizar todos os anos em sua antiga casa, em Ondina. E eu e um grupo de amigos íamos na maior cara de pau. Quando a festa estava se aproximando, a gente combinava de passar a virada do ano com o Mano Caetano. Mas isso era em outra época. Viva Caetano Veloso, que merece todas as homenagens ao completar 80 anos bem vívidos e consagrado no panteão da MPB.